

## THE REHEARSAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO EM UMA RESENHA CRÍTICA

“THE REHEARSAL”: CONSIDERATIONS ON EVALUATION IN A CRITICAL REVIEW

Janine Santos ALVES BARBOSA

[alvesjan64@gmail.com](mailto:alvesjan64@gmail.com)

PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** A resenha crítica de filmes é um gênero textual cujo objetivo é o de informar o leitor sobre o tema de uma determinada obra cinematográfica, além de oferecer a opinião de um profissional especializado e a recomendação (ou não) do consumo da obra. A avaliação é geralmente co-autorada tanto pelo editor da publicação como pelo próprio leitor, que contribui trazendo a sua visão de mundo para o entendimento do que está sendo compartilhado pelo crítico. Este artigo tem por objetivo apresentar a análise da avaliação presente na resenha da série “The Rehearsal” (“O Ensaio”) escrita pela jornalista Patrícia Kogut, no jornal *O Globo*. A análise se apoia na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday e Mathiessen, 2014) e no Sistema de Avaliatividade (Martin e White, 2005) e observa o uso de recursos avaliativos do subsistema de atitude e dos recursos de julgamento e apreciação. Paralelamente, é possível observar a presença de narrativas como forma de apoiar a construção avaliativa (Labov, 1972; Cortazzi e Jin, 2001). Diante da aparente dificuldade de classificação da obra, a jornalista faz uso de *tokens* atitudinais para trazer o leitor para junto do processo avaliativo para que, juntos, co-autorem a avaliação da obra.

**Palavras-chave:** Resenha crítica; Linguística Sistêmico-Funcional; Sistema de Avaliatividade; Avaliação.

**Abstract:** The genre of critical reviews aims at informing the reader of a given review about a film or TV series, besides offering specialized recommendation of the worth(lessness) of watching it. The evaluation is usually co-authored by the publication editor and by the reader, who brings his own view of the world to make sense of the piece being evaluated. This article aims at presenting the result of the analysis of the evaluation observed in the critical review of the TV series “The Rehearsal” written by the journalist Patricia Kogut for the *O Globo* newspaper. The analysis, supported by the Systemic-Functional Linguistics (Halliday e Mathiessen, 2014) and by the Appraisal System (Martin e White, 2005), shows the use of evaluative resources belonging to the subsystem of attitude and its judgement and appreciation resources. In parallel, it is also possible to observe the use of narratives as a way to add further evaluative instances (Labov, 1972; Cortazzi e Jin, 2001). When faced with some difficulty in classifying the series, the journalist resorts to the use of attitudinal tokens and to have the reader co-author the evaluation.

**Keywords:** Critical Review; Systemic Functional Linguistics; Appraisal System; Evaluation.

## INTRODUÇÃO

A resenha crítica é um gênero textual que subentende uma parceria entre o autor e o leitor do texto para a construção do significado avaliativo que está sendo construído. Por possuir a informação sobre algo desejado pelo leitor (um restaurante, um livro, um filme, entre outros mais) e por ser alguém qualificado para emitir uma avaliação sobre esse produto ou serviço, o autor compartilha sua opinião com o leitor para que esse possa tomar a decisão de se vai consumi-lo ou não. Com base nesse acordo, alguns critérios são tacitamente estabelecidos entre as partes, como por exemplo, o fato de não ser esperado que o autor revele detalhes que possam vir a prejudicar a experiência do leitor caso esse opte pelo consumo (como o final de uma história ou algum elemento que tenha a intenção de surpreender o consumidor).

A resenha da série *The Rehearsal*<sup>38</sup> (“O Ensaio”) escrita pela jornalista Patrícia Kogut e publicada no *Jornal O Globo* no dia 4 de setembro de 2022, sob o título “E se a gente pudesse prever o futuro?” apresenta a avaliação da autora sobre a série que acabava de ser disponibilizada na TV fechada. Por ser uma leitora assídua da coluna da jornalista, a resenha chamou a minha atenção e me motivou a assisti-la posteriormente. No entanto, a avaliação em si não deixou claro se a jornalista havia gostado ou não da série, o que me fez buscar um aprofundamento maior no texto buscando elementos que revelassem mais claramente a impressão da colunista.

Desta forma, este artigo tem por objetivo analisar a construção da avaliação na resenha crítica selecionada usando como base teórica o sistema de avaliatividade (Martin e White, 2005) instanciado nos subsistemas do julgamento e da apreciação, e o estudo das narrativas (Labov, 1972; Labov e Waletzky, 1967; Cortazzi e Jin, 2001; Bastos, 2005) para uma compreensão mais aprofundada de como a avaliação da jornalista se manifesta no texto. Parto do pressuposto da existência de uma cumplicidade entre a autora e o leitor na busca pela construção dessa avaliação. Assim, inicio esse artigo tratando dos elementos presentes no gênero resenha crítica e o quanto a estrutura do texto avaliado se alinha a ele. Em seguida, apresento o sistema de avaliatividade e os subsistemas de julgamento e apreciação; a seguir, detalho as contribuições do estudo das narrativas para a análise proposta. Por fim, sigo para o mapeamento dos elementos avaliativos no texto e para as considerações finais.

Trata-se de um trabalho de natureza qualitativa-interpretativa que busca aprofundar o entendimento da avaliação presente na resenha veiculada na coluna de Patrícia Kogut, jornalista responsável por uma coluna diária onde escreve sobre novelas, séries, filmes e afins. A resenha

---

<sup>38</sup> O título da série foi mantido e apresentado em inglês pela emissora de TV. Por isso, a primeira versão que apresento é a do original, seguido pela sua versão em português, em tradução livre, feita por mim. Após a introdução, ao longo do artigo, sempre que fizer uso do título, mantereí a versão em inglês, sem mais apresentar a tradução na sequência.

chamou a minha atenção por se tratar de uma temática pela qual tenho curiosidade devido ao meu interesse por filmes e séries. Em uma primeira leitura, a resenha não me ofereceu subsídios que transmitissem claramente a opinião da jornalista e contribuísem para a minha decisão de assistir ou não a série. Por isso, parti para a busca por outros recursos avaliativos que me possibilitassem entender como a avaliação estava sendo construída e, assim, poder tecer um primeiro julgamento sobre a série em questão.

## CONSTRUÇÃO TEÓRICA

O objetivo desta seção é apresentar os construtos teóricos que apoiarão a análise da resenha crítica da série *The Rehearsal*. Para tal, trarei alguns aspectos sobre como a resenha crítica se constrói como um gênero textual (Carvalho, 2006), a Linguística Sistêmico-Funcional (daqui para frente, LSF) (Halliday e Mathiessen, 2014) e o Sistema de Avaliatividade (Martin e White, 2005) e, por fim, a contribuição que as narrativas podem dar à construção da avaliação (Labov, 1972; Labov e Waletzky, 1967; Cortazzi e Jin, 2001; Bastos, 2005).

### O gênero textual da resenha crítica

A resenha crítica é um texto que tem por objetivo informar o leitor sobre as qualidades de um determinado produto que pode ser um restaurante, um lugar, um livro, um filme ou qualquer outro produto de interesse de outrem. O autor da resenha se encontra no lugar de alguém que já tem familiaridade com o produto e, assim, pode transmitir sua opinião especializada àqueles que tenham um possível interesse em consumi-lo. Por outro lado, o leitor espera que o autor da crítica evite oferecer detalhes demais que possam impactar a sua experiência caso opte por sua aquisição. Trata-se de um texto de natureza avaliativa na qual o autor, através do uso de adjetivos e outras estratégias textuais, emite sua opinião sobre o que está sendo avaliado.

Carvalho (2006: 182) chama a atenção para o fato de que os participantes de uma resenha crítica “são os leitores [...], o resenhista [...] e o editor da seção” e que há uma certa desigualdade na relação estabelecida entre os três já que o resenhista e o editor aparentemente se alinham na avaliação apresentada (como o texto foi aprovado para publicação, o editor teria validado a opinião do resenhista). Por outro lado, “ao leitor cabe aderir a um acordo tácito que diz que a leitura de uma resenha começa pela aceitação da posição do crítico como alguém abalizado para emitir um parecer”. O leitor pode concordar ou não com a opinião do resenhista e se relacionar com a avaliação de várias maneiras, dependendo de suas próprias crenças e valores. Para Carvalho (2006:182), “[c]abem no texto de uma resenha vários tipos de interações sociais, tornados amplamente públicos no momento em que o texto passa a circular”, nos colocando “diante de um gênero interacionalmente complexo”. Isso significa dizer que, dependendo da experiência de vida do leitor, a resenha pode adquirir o potencial de encorajar ou desencorajar o consumo do produto e, como as possibilidades

de decodificação do texto são múltiplas, as possibilidades de relação do leitor com o texto também o são.

Halliday e Hassan (1989 *apud* Carvalho, 2010), em sua *Estrutura Potencial do Gênero*, apresentam três elementos necessários para que o texto seja identificado como pertencente ao gênero crítica de cinema: primeiro, deve ser apresentado um resumo da história, sem que o seu final e elementos-surpresa sejam revelados; em seguida, diferentes aspectos do filme devem ser avaliados e, por fim, o crítico deve emitir a sua opinião, recomendando ou não que a produção seja ou não assistida. Em uma análise preliminar da resenha de Kogut, é possível identificar os elementos apresentados como necessários para que um texto seja considerado como pertencente ao gênero de crítica de cinema: os dois primeiros parágrafos apresentando o resumo e o último, a recomendação da autora. A avaliação dos diferentes aspectos observados sem revelar questões relevantes está espalhada pelo texto e será delineada com maior detalhamento ao longo do artigo. Assim, situo o texto a ser analisado dentro do gênero proposto e parto para a discussão sobre os elementos avaliativos presentes na resenha.

Tendo estabelecido alguns dos elementos presentes em uma resenha crítica de cinema (que pode ser aplicada para a crítica de séries de TV), parto para a forma como a avaliação pode se instanciar no discurso da jornalista.

### **A LSF e a avaliatividade**

A LSF (Halliday e Mathiessen, 2014) concebe a língua como um sistema de possibilidades que permite que o falante materialize sua intenção linguística. Dentro desse sistema, a linguagem se manifesta nas metafunções experiencial, interpessoal e textual. Para Halliday (1994, *apud* Vian Jr e Lima-Lopes; 2005), essas três metafunções se organizam da seguinte forma:

- a) experiencial (ou ideacional), que representa/constrói os significados de nossa experiência, tanto no mundo social (exterior) como psicológico (interior), por meio do sistema de transitividade e ergatividade;
- b) interpessoal, representa a interação e os papéis assumidos pelos participantes por intermédio do sistema de modo, no qual a linguagem é o meio para troca de informações ou bens e serviços;
- c) textual, ligada ao fluxo da informação, organiza a textualização por meio do sistema temático. (Vian Jr e Lima-Lopes, 2005: 30)

Para este trabalho, a função interpessoal se mostra fundamental na medida em que auxilia no entendimento do papel exercido pelos participantes na sua interação com o texto. Acrescento à discussão sobre os participantes apresentada na seção anterior, o meu papel de pesquisadora, trazendo um quarto elemento à tríade autor-editor-leitor. Dessa forma, como consumidora de resenhas de filme também me relaciono com o texto como analista do discurso, o que adiciona uma

camada a mais às possíveis interações proporcionadas pelo texto. Apesar de ser consumidora e avaliadora em uma mesma pessoa, as formas como me relaciono com o texto em questão são de naturezas distintas. Como leitora-consumidora desse gênero textual, fui atraída para o texto pelo título (“E se a gente pudesse prever o futuro?”) e a forma como a resenhista analisou a obra cinematográfica. Tratarei dessa questão com mais detalhe na próxima seção. Ao consumir o texto, após uma primeira leitura, a minha persona de analista do discurso emergiu fazendo com que partisse para a busca de elementos que me ajudassem a compreender melhor a avaliação da autora, conforme já expliquei anteriormente.

Partindo da LSF e das metafunções propostas por Halliday, Martin e White (2005) apresentaram o Sistema de Avaliatividade, que “permite vislumbrar, a partir da perspectiva sistêmico-funcional de linguagem, os diferentes recursos [avaliativos] utilizados” (Vian Jr, 2010: 19). Assim, por levar em conta os possíveis recursos léxico-gramaticais avaliativos possibilitados pela linguagem, a avaliação estaria situada dentro da função interpessoal no nível da semântica do discurso. O autor de um texto pode, dessa forma, avaliar não apenas através do uso de adjetivos (recursos avaliativos mais explícitos) como também através do uso de outros recursos mais sutis (figuras de linguagem, histórias e referências a experiências compartilhadas), que os autores chamaram de “tokens atitudinais”, conforme detalharei mais adiante. Na próxima seção, tratarei do sistema de atitude (Martin e White, 2005) de onde emergem os subsistemas de julgamento e apreciação, por se tratar de elementos que podem ser observados em uma resenha crítica.

### **O sistema de atitude**

Martin e White (2005) dividem o sistema de avaliatividade em três subsistemas, atitude, gradação e engajamento, que ocorrem de modo simultâneo na avaliação. Ou seja, ao mesmo tempo em que expressamos nossos sentimentos acerca de algo ou alguém (atitude), também decidimos se queremos ampliar ou reduzir a força da nossa avaliação (gradação) e as vozes que se fazem presentes na nossa fala (engajamento). A Figura 1, a seguir, resume o sistema de avaliatividade e seus subsistemas.

Figura 1: Recursos do Sistema de Avaliatividade e do Sistema de Atitude



Fonte: Martin e White (2005: 38)

Como o foco deste trabalho será a análise de uma resenha crítica, centralizarei a discussão no subsistema da atitude, mais especificamente nos recursos de julgamento e apreciação por serem esses os recursos que dizem respeito à avaliação de comportamento e à construção dos valores das coisas, respectivamente. Carvalho (2010: 114-16) pontua que as categorias de apreciação e julgamento são as mais frequentes em críticas cinematográficas já que o objetivo desse gênero textual é o de “avaliar um fenômeno semiótico e a atuação profissional dos responsáveis por ele” (Carvalho, 2010:114). A autora também sinaliza que, dos três recursos, o afeto é aquele que menos está presente nas resenhas. Ela infere que essa pode ser uma estratégia retórica aparentemente adequada à intenção de apresentar uma avaliação mais objetiva do que/quem está sendo avaliado, reduzindo, assim, o risco de contestação.

Dentro do subsistema de atitude, o **julgamento** está ligado à avaliação do “comportamento de acordo com vários princípios normativos” (Martin e White, 2005: 48) enquanto a **apreciação** foca nos recursos usados para “interpretar o valor das coisas” (Martin e White, 2005: 49). O julgamento é um recurso usado para avaliar pessoas e a forma como essas se comportam, podendo ser subdividido em estima ou sanção social. No campo da estima social, o foco está em como o elemento avaliado se posiciona em relação à normalidade (o quanto se adequa às normas sociais), a capacidade (quão capaz ele é) e a tenacidade (quão persistente ele é). No campo da sanção social, podemos identificar elementos que se referem à veracidade (o quão verdadeiro alguém é) e a propriedade (quão ético é o comportamento dessa pessoa). O que geralmente diferencia os recursos avaliativos do campo da estima social daqueles da sanção social é que, de um modo geral, as avaliações do primeiro grupo não têm implicação legal e as do segundo, sim. Almeida lembra que

[o]s julgamentos de estima social tendem a ser policiados pela cultura oral por meio da fofoca, boatos e histórias de vários tipos. Já os de sanção social, por outro lado, são codificados na forma escrita como editos, regras e regulações, leis sobre como se comportar de acordo com a Igreja e o Estado [... Tais julgamentos] referem-se a regras morais, ou, ao tipo de comportamento ético ou verdadeiro que as pessoas devem ter [... e] estão no domínio do certo e do errado. (grifo meu) (Almeida, 2010: 106)

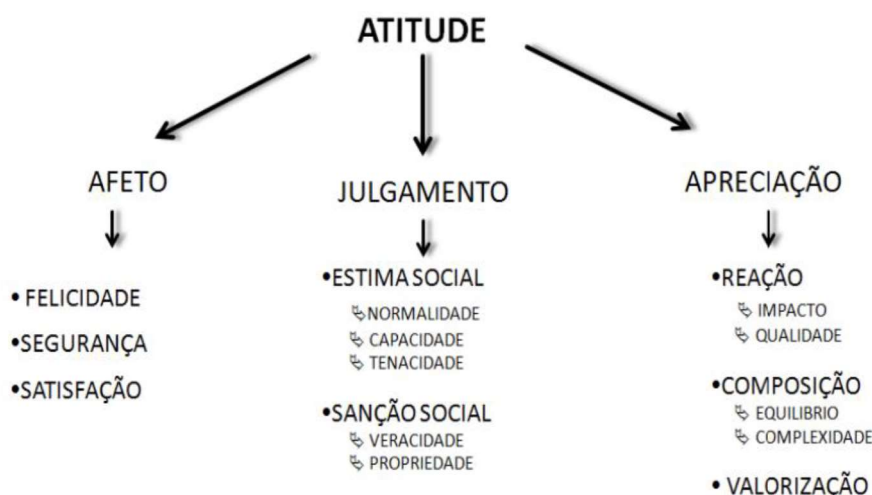


Ao apontar que as avaliações de julgamento de sanção social estão no domínio do certo e errado, reforço a importância dada pelas instituições ao comportamento de seus membros. Por isso, acredito, que o julgamento não esteja limitado apenas às instituições formais (Igreja, Estado), mas poderia ser estendido ao que é institucionalmente aceito socialmente.

A apreciação, por sua vez, pode ser realizada na reação (qual o impacto que acarreta e qual a sua qualidade), na composição (o equilíbrio e a complexidade do produto) e na valorização (se vale o consumo ou não) das coisas.

A seguir, apresento o quadro-resumo (Figura 2) do subsistema da atitude, conforme proposto por Souza (2016).

Figura 2: Quadro-resumo do subsistema de atitude



Todos os tipos de ATITUDE podem ser analisadas de acordo com a noção de Polaridade (negativa ou positiva)

Fonte: Souza (2016)

Tendo discutido o subsistema de atitude, consolidado no quadro de Souza (2016) acima, apresento os conceitos de atitude inscrita e evocada, nas quais o avaliador pode explicitar ou não a sua avaliação acerca de determinado elemento, conforme veremos na próxima seção.

### Atitude inscrita e evocada

Martin e White (2005: 80) chamam a atenção para a situação limítrofe na qual se encontram a atitude de apreciação e a atitude de julgamento, estabelecendo a distinção entre a atitude *inscrita* e a *evocada* e uma possível combinação entre ambas. A atitude *inscrita* é aquela explícita no texto enquanto a *evocada* se encontra presente no contexto de cultura compartilhada entre autor e leitor. Assim, é possível observar casos de “julgamento *inscrita* e apreciação *evocada*” ou ainda de “apreciação *inscrita* e julgamento *evocado*”. A meu ver, tais variações se fazem possíveis

por conta do relacionamento que se estabelece entre quem escreve e quem lê. Segundo a autora, uma “negociação de solidariedade entre escritores e leitores legitima certas posições e valores sociais em relação a outros” (Oteiza, 2017: 469). Ao considerar a resenha crítica, que analisarei na próxima seção, tomo por base essa solidariedade ao entender que ambos os agentes compartilham certos preceitos e que, ao avaliar a série em questão, a autora tem em mente um leitor que pactuará com os princípios dos quais faz uso para construir a sua avaliação.

### **Tokens atitudinais**

Um último aspecto que merece ser mencionado na discussão sobre o sistema de atitude diz respeito aos tokens atitudinais. Martin e White (2005) relatam a presença da avaliação explícita através do uso de elementos lexicais. Os *tokens* seriam formas avaliativas implícitas no discurso e expressas de maneira indireta, que podem ocorrer através de uma metáfora lexical ou através do uso de uma série de recursos textuais ou contextuais. Identificar esses elementos como eventos avaliativos depende do contexto no qual esses ocorrem. Além disso, para que possam atuar com força avaliativa desejada pela autora, tanto o emissor como o receptor da mensagem precisam fazer parte do mesmo contexto de cultura para que possam entender a força avaliativa presente no texto.

Até aqui, apresentei os principais construtos presentes na avaliação e a maneira como essa pode ser construída na interação entre autor e leitor de maneira explícita ou implícita. No próximo item, discutirei brevemente o papel avaliativo exercido pela narrativa, mais um elemento presente na resenha ora em análise.

## **AVALIAÇÃO E NARRATIVA**

Parte do efeito avaliativo do texto de Kogut está na presença das narrativas que ela oferece no seu texto. Percebo a escolha dessas histórias não como algo aleatório e sim como uma motivação gerada pelo intuito avaliativo da autora, conforme discutirei mais adiante. Nesta seção, abordarei o modelo de narrativa proposto por Labov (1972) e como a avaliação pode se manifestar *na, da e através da narrativa* (Cortazzi e Jin, 2001).

O muito difundido modelo canônico de narrativa proposto por Labov (1972) e Labov e Waletzky (1967) remete a um acontecimento específico e ao fato da narrativa “ser estruturada numa **sequência temporal**, ter um **ponto** e ser **contável**” (Bastos, 2005: 75, *grifo da autora*). O ponto da narrativa seria o que justificaria a sua relevância no contexto no qual foi inserida. Segundo Bastos (2005), o elemento mais complexo e fascinante da narrativa identificado por Labov é a avaliação, “que contém informação sobre a carga dramática ou o clima emocional da narrativa e que é usada para identificar o seu ponto” (Bastos, 2005: 76). As duas narrativas que apresentarei adiante seguem o padrão de narrativa descrito por Labov (1972) e Labov e Waletzky (1967) e se mostram relevantes para a análise por conta do ponto da narrativa, que justifica sua presença na narrativa da autora.



Nóbrega (2009: 80), por sua vez, observa que “a avaliação é parte do ato de narrar” e lembra que Cortazzi e Jin (2001) expandem a definição de narrativa proposta por Labov ao entenderem que a avaliação acontece em camadas: *na* narrativa, *da* narrativa e *através* da narrativa. A avaliação *na* narrativa seguiria o modelo tradicional Laboviano descrito e, como tal, apresentaria uma versão limitada da narrativa pois demandaria que o interlocutor entendesse o ponto da narrativa para fazer sentido da avaliação. Caso isso não acontecesse, o uso da narrativa como um elemento avaliativo não seria compreendido. A avaliação *da* narrativa pressupõe uma negociação constante entre os interlocutores e reforça a importância que os fatores socioculturais desempenham no processo avaliativo. Por fim, a avaliação *através* da narrativa possibilita “que os narradores, os ouvintes ou suas situações [sejam] avaliados através do relato” (Cortazzi e Jin, 2001, *apud* Nobrega, 2009: 83). Tais camadas oferecem uma nova dimensão ao texto avaliativo e possibilitam novas formas de entender a avaliação presente na resenha crítica, conforme veremos na próxima seção. Entender que a avaliação da minissérie apresentada por Kogut se dá *através* de sua resenha crítica, e que ela faz uso dos recursos narrativos para acrescentar uma camada avaliativa maior (*na* narrativa) na construção de sentido com o leitor, se mostra fundamental para a análise que proponho a seguir.

Essa seção teve por objetivo apresentar brevemente os construtos teóricos que embasarão a análise da resenha crítica proposta para esse trabalho. Iniciei apresentando a resenha crítica como um gênero textual e identificando o papel que os interlocutores desempenham na troca de informações entre si e o papel que o contexto de cultura desempenha para que o leitor possa decodificar a avaliação oferecida pelo crítico. Posicionei a interação autor-leitor dentro da metafunção interpessoal apresentada pela LSF e a relevância que essa adquire para que a avaliação aconteça. Assim, para que a resenha crítica desempenhe a sua função de informar o leitor da opinião do especialista, os recursos linguísticos dos subsistemas de julgamento e apreciação se mostram de grande valor. Por fim, a narrativa se apresenta como um elemento que reforça a carga avaliativa da resenha em análise. Esses elementos serão explorados a seguir.

### **A análise dos dados: E se a gente pudesse prever o futuro?**

A resenha crítica da jornalista Patrícia Kogut tinha como objetivo apresentar ao leitor a opinião da especialista em cinema e televisão acerca da série *The Rehearsal* (“O Ensaio”). O texto do jornal em sua íntegra se encontra no anexo, ao final desse trabalho (Anexo). Para uma melhor compreensão da opinião da jornalista, realizei um mapeamento das instâncias avaliativas do texto, que reproduzo na próxima página e que usarei como referência para a análise dos dados. Antes de partir para a análise da avaliação propriamente dita, falarei brevemente do alinhamento do texto com a estrutura do gênero crítica de cinema.

O mapeamento permite observar que o texto selecionado atende aos critérios propostos por Halliday e Hassan (1989 *apud* Carvalho, 2010), em sua Estrutura Potencial do Gênero e apresenta

os três pontos necessários para que seja considerado do gênero crítica de cinema. O relato da história, apresentado nos dois primeiros parágrafos (itens 1-7), a avaliação dos diferentes aspectos da série, ao longo de todo o texto, como discutirei a seguir, e, a recomendação para o leitor: “Vale conferir” (linha 28).

Quadro 1 – Mapeamento integral do texto

		o que está sendo avaliado	subsistema
1	<i>Imagine se as pessoas pudessem ensaiar seu comportamento antes de enfrentarem quaisquer situações desafiadoras.</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
2	<i>estivessem sempre preparadas para evitar erros</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
3	<i>São seis episódios intrigantes</i>	a série	apreciação/ reação/ impacto/+
4	<i>Acompanhamos o ator, roteirista e diretor Nathan Fielder</i>	o personagem principal	juízo/ sanção/ veracidade
5	<i>num estranho experimento humano</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
6	<i>Ele propõe ajudar pessoas a realizarem seus objetivos de vida driblando quaisquer eventuais surpresas ou obstáculos</i>	o personagem principal	juízo/ sanção/ ética
7	<i>Faz isso instrumentalizando seus personagens, figuras comuns, para enfrentarem as situações que os amedrontam.</i>	o personagem principal	juízo/ estima/ capacidade/+
8	<i>figuras comuns</i>	o cliente	juízo/ estima/ normalidade
9	<i>É como um coaching levado ao seu paroxismo</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
10	<i>chega ao ponto de reproduzir cenários reais nas suas simulações da realidade</i>	o personagem principal	juízo/ estima/ capacidade
11	<i>Ele imagina ser possível, digamos, “viver o futuro antes do presente”.</i>	o personagem principal	juízo/ sanção/ ética
12	<i>por mais maluca que seja essa ideia</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
13	<i>É a realização do sonho dos controladores.</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
14	<i>O primeiro capítulo mostra um caso simples.</i>	a série	apreciação/ reação/ impacto
15	<i>Nathan vai ajudar um homem a desfazer uma mentira sem perder a amizade daqueles que enganou</i>	o personagem principal	juízo/ sanção/ ética
16	<i>Skeete acredita que, se ele revelar que só fez a graduação, perderá para sempre esses amigos</i>	o cliente	juízo/ sanção/ ética
17	<i>E submete seu “cliente” a todas as possíveis situações e diálogos que possam vir.</i>	o personagem principal	juízo/ estima/ capacidade
18	<i>Mas o mais impressionante vem a partir do segundo episódio.</i>	a série	apreciação/ reação/ impacto
19	<i>Ela quer ser mãe, mas, antes, deseja dirimir algumas dúvidas.</i>	o cliente	juízo/ sanção/ ética
20	<i>Então convoca Fielder para encenar a criação de um filho desde o nascimento até os 18 anos.</i>	o cliente	juízo/ sanção/ ética
21	<i>E pudera</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
22	<i>A tarefa é complicadíssima, não só pelo aspecto emocional, como na prática</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
23	<i>O elenco é tão numeroso que eles montam um escritório em Los Angeles só para fazer a seleção e o treinamento dos atores.</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
24	<i>É interessante</i>	o pressuposto	apreciação/ reação/ impacto/+
25	<i>“The rehearsal” é uma produção difícil de classificar</i>	a série	apreciação/ composição/ complexidade
26	<i>Ela tem um pouco de documentário, algo de reality e de drama.</i>	a série	apreciação/ composição/ complexidade
27	<i>Mas escapa das categorizações - o que é até um paradoxo</i>	a série	apreciação/ composição/ complexidade
28	<i>Vale conferir.</i>	a série	apreciação/ valorização/+

Fonte: Elaborado pela autora

O mapeamento possibilitou também a percepção de que quatro elementos estariam sendo avaliados ao longo do texto: o pressuposto da temática da série, a série em si, o personagem principal

(Nathan Fielder) e o cliente de um modo geral (apesar da crítica mencionar dois clientes, esses serão tratados, para os fins desse trabalho, como um único elemento).

O **pressuposto da temática** da série é apresentado ao leitor na chamada do texto e é a porta de entrada para prender ou não o leitor na leitura do texto. *E se a gente pudesse prever o futuro?* Ao longo do texto, a cronista convida o leitor a embarcar numa jornada avaliativa tendo por base a premissa de que *talvez* seja possível prever o futuro (quando, na realidade, sabemos que não é o caso) e como tal premissa se materializa para a construção da motivação da série. O segundo elemento a ser avaliado é a **série** em si. Observa-se aqui como a jornalista se posiciona sobre a produção cinematográfica que está sendo oferecida ao público para consumo. O terceiro elemento avaliado é o **personagem principal**, Nathan Fielder, que ocupa um papel central na história ao possibilitar a entrega da promessa do tema central da temática: driblar o destino e prever o futuro. Por último, **o cliente**, que, por consumir o serviço oferecido por Fielder como ator, se mostra cúmplice da crença proposta pela temática da série.

Durante o mapeamento inicial, a tarefa de identificar qual elemento estaria sendo avaliado se mostrou bastante complexa e o limite entre o que era “pressuposto da temática” e “série” parecia ser bastante tênue. O próprio “personagem principal” pode ser entendido como um elemento da série ou como um elemento em separado, ao mesmo tempo em que concretiza a possibilidade de entregar ao telespectador (e ao cliente) a experiência hipotética (desejada por muitos) de prever o futuro, que é a premissa da série.

Toda a análise que apresentarei a seguir partirá desse mapeamento e das inferências que, como leitora, consumidora da coluna e analista do discurso, fiz ao ler o texto e tentar avaliar se valeria a pena assistir ou não a produção.

### Julgando e apreciando

Conforme detalhado na seção “A LSF e a avaliatividade” deste artigo, o sistema de avaliatividade apoiará a análise da avaliação da série feita pela jornalista. Por se tratar da avaliação de um produto (uma série televisiva), a apreciação foi o recurso identificado na avaliação da série:

Quadro 2 – Mapeamento das avaliações sobre a série

3	<i>São seis episódios intrigantes</i>	a série	apreciação/ reação/impacto/+
14	<i>O primeiro capítulo mostra um caso simples.</i>	a série	apreciação/ reação/impacto
18	<i>Mas o mais impressionante vem a partir do segundo episódio.</i>	a série	apreciação/ reação/impacto
25	<i>“The rehearsal” é uma produção difícil de classificar</i>	a série	apreciação/ composição/ complexidade
26	<i>Ela tem um pouco de documentário, algo de reality e de drama.</i>	a série	apreciação/ composição/ complexidade
27	<i>Mas escapa das categorizações - o que é até um paradoxo</i>	a série	apreciação/ composição/ complexidade
28	<i>Vale conferir.</i>	a série	apreciação/ valorização/+

Fonte: Elaborado pela autora

A jornalista define a série como “intrigante”, “difícil de classificar” (por escapar das categorizações e por ser uma mistura de documentário, *reality* e drama), mas que, no final das contas, “vale conferir”. Cabe observar que a avaliação positiva da série se materializa no adjetivo *intrigante* e na valorização final. No entanto, nas demais ocorrências a autora não se manifesta nem positivamente nem negativamente em relação ao que está sendo avaliado, dificultando o entendimento da opinião geral da jornalista. Tal ausência de polarização é observada ao longo de todo o texto e será tratada no final dessa seção.

Para que a série seja assistida é necessário que o telespectador pactue da temática proposta – que *talvez a gente possa prever o futuro* – e aceite as situações apresentadas como verossímeis. Nesse campo, é possível observar a avaliação presente na resenha da jornalista através de expressões que circulam no campo da hipótese central da série. A seguir, apresento as ocorrências mapeadas para tratar do pressuposto da temática.

Quadro 3 – Mapeamento das avaliações sobre o pressuposto da série

1	<i>Imagine se as pessoas pudessem ensaiar seu comportamento antes de enfrentarem quaisquer situações desafiadoras.</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
2	<i>estivessem sempre preparadas para evitar erros</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
5	<i>num estranho experimento humano</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
9	<i>É como um coaching levado ao seu paroxismo</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
12	<i>por mais maluca que seja essa ideia</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
13	<i>É a realização do sonho dos controladores.</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
21	<i>E pudera</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
22	<i>A tarefa é complicadíssima, não só pelo aspecto emocional, como na prática</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
23	<i>O elenco é tão numeroso que eles montam um escritório em Los Angeles só para fazer a seleção e o treinamento dos atores.</i>	o pressuposto	apreciação/ composição/ complexidade
24	<i>É interessante</i>	o pressuposto	apreciação/ reação/ impacto/+

Fonte: Elaborado pela autora

Nesta seleção é possível observar o diálogo da autora com o leitor e, em algumas ocasiões, um certo posicionamento dela em relação a temática proposta. Em (1) e (2), o uso do verbo *imaginar* já leva o leitor para o campo de um imaginário fantasioso – ela, a resenhista, e o seu leitor, sabem que não é possível ensaiar o comportamento antes das situações desafiadoras porque *não é possível antever todas as possíveis variáveis presentes nas vidas das pessoas* e assim “estar preparado para evitar erros”. No entanto, caso o leitor se identifique com a temática proposta e aceite participar do “faz de conta” proposto ele, pode vir a apreciar a série pois a ideia “é interessante” (24).

Saindo do campo da apreciação, entramos no campo do julgamento, onde as avaliações presentes no texto permitem perceber a avaliação da resenhista em relação ao

personagem principal, Nathan Fielder, e seu cliente. Os clientes são, como a autora mesma diz, “figuras comuns” que aceitam ser cobaias em um “estranho experimento humano” para fazerem algo que, aparentemente só é possível no campo do imaginário: prever o futuro. Um deles quer saber se sairia ileso por ter mentido para seus amigos; a outra, só quer ser mãe se dirimir algumas dúvidas que uma possível maternidade acarreta. Os dois, aliados a Fielder, querem “driblar quaisquer eventuais surpresas ou obstáculos” que tiverem que enfrentar ao participar do experimento.

Quadro 4 – Mapeamento das avaliações sobre o cliente

8	<i>figuras comuns</i>	o cliente	juízo/estímulo/ normalidade
16	<i>Skeete acredita que, se ele revelar que só fez a graduação, perderá para sempre esses amigos</i>	o cliente	juízo/sanção/ ética
19	<i>Ela quer ser mãe, mas, antes, deseja dirimir algumas dúvidas.</i>	o cliente	juízo/sanção/ ética
20	<i>Então convoca Fielder para encenar a criação de um filho desde o nascimento até os 18 anos.</i>	o cliente	juízo/sanção/ ética

Fonte: Elaborado pela autora

Ao avaliar o cliente, observamos que a resenhista o avalia no campo da normalidade, uma “figura comum”, mas os coloca solidários à proposta do ator principal, que busca driblar surpresas ou obstáculos, para realizarem seus objetivos de vida. Aqui, observamos julgamentos no campo da sanção social ao pôr em dúvida os valores desse cliente. Para Martin e White (2005), os julgamentos no domínio da sanção social/ética estão associados a princípios morais e têm implicações legais. Almeida (2010) estende esse entendimento para acrescentar que essa categoria de avaliação de julgamento está “no domínio do certo e do errado” (ver seção “O Sistema de Atitude”). O primeiro cliente mente para seus amigos, a segunda condiciona o exercício da maternidade – essas avaliações põem em dúvida o caráter e a credibilidade dessas pessoas e, por conseguinte, impactam na avaliação da série e de sua temática.

Considero que o elemento mais controverso sendo analisado esteja na figura de Nathan Fielder. Kogut o apresenta como “ator, roteirista e diretor”, alguém que acredita seja possível prever e controlar o futuro, e que chega a extremos para dar ao seu cliente a experiência que contratou. A caracterização multifacetada que a resenhista faz do personagem está em sintonia com as expressões “escapa de categorização” e “um pouco de documentário, algo de *reality* e drama” usados para descrever a série, e que contribuem para a dificuldade de avaliar a série que a jornalista parece ter. A apresentação do personagem o avalia positivamente no campo da capacidade de poder submeter seus clientes a situações extremas para atender ao que buscaram: instrumentaliza seus personagens, reproduz cenários reais e pactua com o pressuposto da série de que se possa “viver o futuro antes do presente”. Além do julgamento de capacidade, o personagem principal, assim como acontece com o cliente, é avaliado moralmente em relação às suas crenças: ele acredita ser possível desfazer uma mentira e ser perdoado, driblar situações da vida real e sair ileso, conforme detalhei acima. Kogut avalia sua capacidade quando usa expressões como “chega ao ponto de”, “imagina ser possível”, “submete seu cliente” e essa avaliação pode ser entendida de maneira positiva ou



negativa, dependendo de como o leitor se posiciona em relação com o que está sendo oferecido pela resenhista.

Por exemplo, nos itens relacionados ao personagem principais listados a seguir, categorizei positivamente o item (7) por entender que *instrumentalizar alguém para enfrentar as situações que os amedronta* seja algo positivo. No entanto, essa instrumentalização pode ser questionável se for usada para atingir objetivos que não sejam éticos.

A seguir, apresento as ocorrências nas quais o personagem principal é avaliado.

Quadro 5 – Mapeamento das avaliações sobre o personagem principal

4	<i>Acompanhamos o ator, roteirista e diretor Nathan Fielder</i>	o personagem principal	juízo/ sanção/ veracidade
6	<i>Ele propõe ajudar pessoas a realizarem seus objetivos de vida driblando quaisquer eventuais surpresas ou obstáculos</i>	o personagem principal	juízo/sanção/ ética
7	<i>Faz isso instrumentalizando seus personagens, figuras comuns, para enfrentarem as situações que os amedrontam.</i>	o personagem principal	juízo/estima/ capacidade/+
10	<i>chega ao ponto de reproduzir cenários reais nas suas simulações da realidade</i>	o personagem principal	juízo/estima/ capacidade
11	<i>Ele imagina ser possível, digamos, “viver o futuro antes do presente”,</i>	o personagem principal	juízo/sanção/ ética
15	<i>Nathan vai ajudar um homem a desfazer uma mentira sem perder a amizade daqueles que enganou</i>	o personagem principal	juízo/sanção/ ética
17	<i>E submete seu “cliente” a todas as possíveis situações e diálogos que possam vir.</i>	o personagem principal	juízo/estima/ capacidade

Fonte: Elaborado pela autora

A descrição oferecida do personagem principal é que ele seria “ator, roteirista e diretor” e que o acompanharíamos na série. Em se tratando de uma produção que tem como temática “simulações da realidade”, “reprodução de cenários reais”, vivência de “possíveis situações e diálogos”, “encenação da criação de um filho”, escalção de elenco, seleção e treinamento de atores, a descrição oferecida estaria alinhada a proposta da série, uma vez que o ator exerceria as funções de ator, roteirista e diretor das situações apresentadas. No entanto, a frase (4) apresenta uma possibilidade dupla de interpretação: Nathan Fielder seria um personagem ou seria *ele mesmo* o ator, diretor e roteirista da série? Quando Kogut apresenta como chamada de texto dentro da resenha a frase “Na série ‘The Rehearsal’, Nathan Fielder vai fundo na ideia de controlar a vida antevendo os erros”, Fielder é localizado dentro da série, como um personagem de ficção. No entanto, uma pesquisa no IMDB<sup>39</sup> revela que Nathan Fielder é, na realidade, o nome do ator e que esse é, além de ator, diretor, roteirista e produtor da série. Tal informação pode mudar os contornos avaliativos da resenha e ressignificar algumas das escolhas lexicais da autora. O uso de aspas ao se referir ao cliente (17), a personagem do segundo episódio que “convoca” Fielder (20), o fato de se tratar de um estranho experimento humano (5) sugerem que ao avaliar a série, a temática e o cliente, quem está sendo avaliado é a figura do ator Nathan Fielder que arquitetou toda a estrutura e enredo da série, uma

<sup>39</sup> Internet Movie Data Base (Site [www.imdb.com](http://www.imdb.com)).



produção que tem como premissa a temática inverossímil que o futuro pode ser previsto e os erros evitados.

A capacidade de Fielder de entregar o serviço que oferece parece ser avaliada de maneira positiva, embora, em momento algum a jornalista categorize a sua forma de avaliar a série. Suas escolhas léxico-gramaticais passam a ideia de que o personagem está preparado para enfrentar as dificuldades que a tarefa a que se propõe demanda. A seguir apresento um breve mapeamento das escolhas da jornalista que ajudam o leitor a subentender que o personagem tem a capacidade para executar a tarefa ao qual se propõe.

Quadro 6 – Mapeamento das avaliações sobre a capacidade do personagem principal

6	<i>Ele propõe ajudar pessoas a realizarem seus objetivos de vida driblando quaisquer eventuais surpresas ou obstáculos</i>
7	<i>Faz isso instrumentalizando seus personagens, figuras comuns, para enfrentarem as situações que os amedrontam.</i>
10	<i>chega ao ponto de reproduzir cenários reais nas suas simulações da realidade</i>
17	<i>E submete seu “cliente” a todas as possíveis situações e diálogos que possam vir.</i>
21	<i>E pudera</i>
22	<i>A tarefa é complicadíssima, não só pelo aspecto emocional, como na prática</i>
23	<i>O elenco é tão numeroso que eles montam um escritório em Los Angeles só para fazer a seleção e o treinamento dos atores.</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Da seleção apresentada, chama a atenção a interjeição “E pudera!” na qual a jornalista manifesta sua percepção do tamanho do desafio assumido por Fielder. A expressão é altamente avaliativa e reforça ideia do desafio com o qual Fielder se compromete.

Um outro ponto que chama atenção é a escolha da imagem usada para ilustrar a resenha, que mostra Fielder em destaque e ao fundo uma série de portas que se abrem no ambiente em que ele se encontra. Tais portas poderiam ser entendidas como uma forma de representação dos diferentes papéis que ele assume dentro e fora da série, como ator e como produtor/diretor/roteirista, apresentando, assim, mais uma camada avaliativa.

Figura 3: Imagem selecionada para ilustrar a resenha



Fonte: Jornal O Globo

A seleção da fotografia oferece mais uma camada de significado na resenha e traz para a interação a figura do editor do jornal, que se mostra solidário com a avaliação da autora, conforme discuti acima (Seção “Julgando e Apreciando”).

### A avaliação através da narrativa

Na crítica apresentada, é possível identificar duas narrativas que se encaixam no texto principal e acontecem quando a autora traz para dentro da resenha as histórias dos dois primeiros episódios. A primeira delas, no terceiro parágrafo da resenha, Kogut (2022) relata:

Figura 4: Narrativa 1

Kor Skeete é um aficionado por jogos de perguntas e respostas de conhecimentos gerais. Ele se reúne há anos com o mesmo grupo num bar de Nova York para participar de concursos. Disse a esses companheiros que cursou o mestrado, o que não é verdade. Skeete acredita que, se ele revelar que só fez a graduação, perderá para sempre esses amigos. Nathan ensaia Skeete. [...] Não conto o desfecho para evitar o spoiler.

Fonte: O Globo

Na segunda, no quarto parágrafo ela apresenta o resumo do segundo episódio da série:

Figura 5: Narrativa 2

É quando ele é convocado por Angela, de 44 anos. Ela quer ser mãe, mas, antes, deseja dirimir algumas dúvidas. Então convoca Fielder para encenar a criação de um filho desde o nascimento até os 18 anos. A encenação se desenrola em dois meses. A cada semana se concentram três anos. No início, um bebê mais velho vai substituindo o menor de quatro em quatro horas. [...] É interessante.

Fonte: O Globo

Seguindo o modelo tradicional Laboviano, é possível identificar nos dois excertos acima, um ponto para terem sido selecionados e incluídos na resenha. No primeiro, o personagem quer revelar uma mentira a um grupo com quem se reúne há anos *sem perder a amizade* dessas pessoas. No segundo, uma mulher de 44 anos quer *dirimir algumas dúvidas* sobre a maternidade antes de decidir ou não ter um filho. A escolha das duas narrativas pela autora parece fazer com que ela chame o leitor para ajudá-la na sua avaliação da série e teria escolhido as duas histórias por se tratar de situações nas quais os personagens atuam de modo questionável. Essas duas narrativas em sua totalidade podem ser entendidas como o que Martin e White (2005) chamaram de *tokens atitudinais* nos quais a autora parece avaliar eticamente os personagens Skeete e Angela e as suas motivações para participar do “estranho experimento humano” proposto por Fielder. Não apenas isso. A

jornalista chama o leitor para co-avaliar a produção uma vez que ela admite que a produção seja algo “difícil de classificar” (25), questão que abordarei na terceira e última parte desse trabalho, a seguir.

### **Avaliação compartilhada**

Por ser uma leitora assídua da coluna da jornalista Patrícia Kogut, com bastante frequência aceito suas recomendações e assisto as produções que ela recomenda. Kogut usa algumas expressões avaliativas em suas críticas, como “merece (toda) a sua atenção”, “É imperdível”, “Não convence”, entre outros. A sua avaliação final do *The Rehearsal*, no entanto, é um morno “Vale conferir”. Parece que a autora está dizendo: “depois de tudo que escrevi, se ainda assim se identificar com a série, vai lá e assiste”.

Como leitora, a crítica foi suficiente para me fazer ligar o canal de TV e assistir os seis capítulos. Não consegui entender se Kogut havia gostado e, por isso, dito que valia a pena conferir, ou se estaria deixando na mão do leitor a escolha e a avaliação da obra. Sua avaliação me parece, de fato, ser indefinida. Ela parece pedir que o leitor se solidarize (Oteiza, 2017) com ela e a ajude na construção da avaliação. Não tenho como afirmar se a autora terminou de ver a série ou parou nos dois primeiros episódios (os mesmos que ela cita no texto). A crítica não vai muito além do segundo episódio e ela não tece nenhum tipo de comentário sobre os outros capítulos. Outro ponto que pode reforçar a ideia de que a autora pode não ter visto além dos primeiros episódios é que a foto que é usada foi tirada de uma cena que acontece nos primeiros minutos do primeiro episódio. Isso pode não dizer muito, mas não deixa de ser uma possibilidade.

Um outro ponto interessante a observar é o da ausência de marcação das avaliações: das 28 frases que mapeei no início deste artigo, somente 5 foram categorizadas como negativas ou positivas. As outras ficam a critério do leitor. Aqueles que julgarem possível que uma mãe possa dirimir *qualquer* dúvida a respeito da maternidade antes de se aventurar em ter um filho talvez entendam que a frase (19) tem uma conotação positiva. Outros podem vir a julgar o comportamento dessa mulher. E assim, a avaliação da situação descrita segue indefinida.

Por outro lado, se considerarmos que a função da jornalista é a de informar seus leitores sobre as características da obra cinematográfica e, caso eles se interessem por ela, assistam o programa, podemos dizer que a resenha crítica que analisei nesse trabalho, cumpriu sua função. Por menos detalhes que tenha recebido da colunista, o que me foi oferecido foi o suficiente para captar minha atenção e pegar o controle remoto. Não podemos, dessa forma, negar que a função do texto tenha sido atingida, porque foi.

### **Algumas reflexões**

Este artigo teve o objetivo de mergulhar mais a fundo na resenha crítica sobre a série *The Rehearsal*. Num primeiro momento, pactuei das impressões de Carvalho (2010) ao afirmar que os

recursos de julgamento e apreciação são os que estão mais presentes nesse tipo de texto e mapeei as ocorrências avaliativas no intuito de melhor compreender a avaliação sendo feita pela jornalista Patrícia Kogut. No entanto, somente o mapeamento dos recursos avaliativos utilizados não foi suficiente, e, diante da ausência de uma avaliação mais concreta, parti para a busca de outros entendimentos, outras pistas que estivessem mais subjacentes ao nível concreto de uma frase. Nesse sentido, os *tokens atitudinais* me mostraram possibilidades de serem entendidos como elementos avaliativos, agora no nível do contexto da cultura, mas, que eram dependentes de uma solidariedade entre autor e leitor para poderem ser vistos como elementos avaliativos.

Uma outra questão foi o uso de recursos diversos para avaliar a obra. A inserção de uma breve narrativa dentro do contexto da resenha foi uma forma que a autora encontrou de avaliar a série e o personagem (e o produtor?). O contexto das duas histórias vai muito além de uma simples narrativa e pode ser visto como um elemento que contém uma metafunção avaliativa dentro da resenha. A escolha da imagem que ilustrou a resenha também carrega consigo a mensagem do papel múltiplo exercido por Fielder ao colocá-lo diante de várias portas possíveis de serem cruzadas e que o levariam para uma das diferentes realidades das quais ele faz parte. São muitas possibilidades avaliativas, muitas “pistas” de uma história que estaria longe de terminar depois de 6 episódios.

Entendo que, após toda a reflexão apresentada neste trabalho, a resenha da autora tenha cumprido o seu papel de instigar e convidar o leitor a assistir a série e emitir seu próprio julgamento. Apesar de não oferecer uma avaliação direta, acredito que a função da jornalista tenha sido eficiente e tática ao informar sem dizer tudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como coavaliadora da produção, aceitei a recomendação da jornalista e fui conferir. Por não pactuar com o pressuposto do tema da série, minha reação ao longo dos seis episódios sempre foi estar pondo em xeque as motivações dos personagens e questionando a verossimilhança das situações apresentadas. Mas assisti.

Assim, após todo o percurso analítico da construção da avaliação presente na resenha crítica de Patrícia Kogut, posso perceber que o objetivo traçado no início deste trabalho foi atingido. Pude compreender melhor as avaliações da autora e observar nas entrelinhas suas próprias dúvidas como consumidora (talvez ainda indecisa) da série. Para essa compreensão, os recursos avaliativos dos quais lancei mão foram fundamentais para o meu entendimento e minha diversão com a série. A resenha crítica, então, cumpriu seu papel ao dar algumas informações para o leitor e o instigar a seguir sozinho e consumir a série sendo avaliada.

Para concluir, vale mencionar o fato da “presença” do que não foi dito ao longo da resenha. É importante lembrar que toda escolha pressupõe o abandono de tantas outras possibilidades que

poderiam ter sido selecionadas. Kogut poderia ter sido mais direta, ter usado adjetivos mais concretos e polarizados. Sua opinião, no entanto, foi dada em um nível mais subliminar, mais crítico e menos julgador. Ela permitiu que o leitor trouxesse para a interação suas próprias verdades e as conflitasse com as do personagem/autor da série.

Não posso afirmar com segurança se Kogut sabia que o produtor/diretor da série era também o ator. Eu não conhecia o ator e por isso, o nome dele não me trouxe nenhuma referência como leitora. Creio que ela, como especialista, soubesse sim, mas não posso afirmar. E se ela sabia, por que a informação não foi compartilhada abertamente com o leitor? Isso teria tido algum impacto na minha decisão de assistir a série?

Talvez.

No entanto, jamais poderei saber, haja visto que a minha atual condição de avaliadora já foi totalmente enviesada pelo conhecimento que a resenha, a série e um pouco de pesquisa me proporcionaram. O que posso afirmar é que a minha avaliação da série *The Rehearsal* já é uma mistura de impressões (pessoais e de outrem) e que, sem sombra de dúvidas, a contribuição inicial oferecida pelo texto da jornalista foi fundamental.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. "Atitude: afeto, julgamento e apreciação". In: VIAN JR, O. *A Linguagem da Avaliação em Língua Portuguesa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BASTOS, L. C. "Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa". *Calidoscópio* 3(2), 2005. p.74-87.

CARVALHO, G. "Críticas de Livros: um breve estudo da linguagem da avaliação". In: *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão. V. 6, n. 2, p. 179-198, maio/ago, 2006.

CARVALHO, G. "A prosódia atitudinal: apreciação e julgamento em críticas de cinema". In: VIAN, JR. *A Linguagem da Avaliação na Língua Portuguesa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

CORTAZZI, M.; JIN, L. In. Evaluating evaluation in narrative. In: HUSTON, S. e THOMPSON, G. (Eds). *Evaluation in Text*. New York: Oxford University Press, 2003.

HALLIDAY, M.A.K.; MATHIESSEN, C. *An introduction to Functional Grammar*. 4th ed. London, New York: Arnold, 2014.

KOGUT, P. "E se a Gente Pudessem Prever o Futuro?". *O Globo*. Rio de Janeiro: 04/09/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/kogut/critica/2022/09/em-the-rehearsal-nathan-fielder-vai-fundo-na-ideia-de-controlar-a-vida-antevendo-erros.ghtml>. Acesso em 15 nov.2022.

LABOV, W.; WALETZKY, J. *Narrative analysis: oral versions of personal experience*. In: June Helm, Ed. *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARTIN, J.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave MacMillan, 2005.

NÓBREGA, A. N. A. *Narrativas e Avaliação no Processo de Construção do Conhecimento Pedagógico: Abordagem Sociocultural e Sociosemiótica*. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, PUC-Rio, 2009. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>. Acesso em 02 jun.2022.

OTEIZA, T. "The appraisal framework and discourse analysis". Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/313553051\\_The\\_appraisal\\_framework\\_and\\_discourse\\_analysis](https://www.researchgate.net/publication/313553051_The_appraisal_framework_and_discourse_analysis). Acesso em: 29 ago.2022.

SOUZA, M. *Avaliações e Crenças em uma Sala de Aula de Inglês para Fins Específicos sob o Prisma Sociocultural e Sociossemiótico*. Tese (Doutorado). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.

VIAN JR, O. O Sistema de Avaliatividade e a Linguagem de Avaliação. In: VIAN JR, O. *A Linguagem da Avaliação na Língua Portuguesa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VIAN Jr., O; LIMA LOPES, R. A perspectiva teleológica de Martin para a análise de gêneros textuais. In: José Luiz Meuer; Adair Bonini; Désirée MottaRoth (orgs). *Gêneros: Teorias, métodos, debates* (pp. 29-45). São Paulo: Parábola Editorial, 2005.



ANEXO

Segundo Caderno | 3

than ensaia Skeete. Contrata sócias e cenógrafos que montam réplicas da casa de Skeete e do bar que ele frequenta. E submete seu “cliente” a todas as possíveis situações e diálogos que possam vir. Não conto o desfecho para evitar o spoiler.

Mas o mais impressionante vem a partir do segundo episódio. É quando ele é convocado por Angela, de 44 anos. Ela quer ser mãe, mas, antes, deseja dirimir algumas dúvidas. Então convoca Fielder para encenar a criação de um filho desde o nascimento até os 18 anos. A encenação se desenrola em dois meses. A cada semana se concentram três anos. No início, um bebê mais velho vai substituindo o menor de quatro em quatro horas. Fielder conta com uma equipe de apoio grande nos bastidores. E pudera. A tarefa é complicadíssima, não só pelo aspecto emocional, como na prática. O elenco é tão numeroso que eles montam um escritório em Los Angeles só para fazer a seleção e o treinamento dos atores. É interessante.

“The rehearsal” é uma produção difícil de classificar. Ela tem um pouco de documentário, algo de reality e de drama. Mas escapa das categorizações — o que é até um paradoxo, já que seu objetivo seminal é abolir as surpresas. Vale conferir.



NETFLIX

ideia. É a realização do sonho dos controladores. O primeiro capítulo mostra um caso simples. Nathan vai ajudar um homem a desfazer uma mentira sem perder a amizade daqueles que enganou. Kor Skeete é um aficionado por jogos de perguntas e respostas de conhecimentos gerais. Ele se reúne há anos com o mesmo grupo num bar de Nova York para participar de concursos. Disse a esses companheiros que cursou o mestrado, o que não é verdade. Skeete acredita que, se ele revelar que só fez a graduação, perderá para sempre esses amigos. Na-

mente humano. Ele propõe ajudar pessoas a realizarem seus objetivos de vida driblando quaisquer eventuais surpresas ou obstáculos. Faz isso instrumentalizando seus personagens, figuras comuns, para enfrentarem as situações que os amedrontam.

É como um *coaching* levado ao seu paroxismo. Fielder chega ao ponto de reproduzir cenários reais nas suas simulações da realidade. Ele imagina ser possível, digamos, “viver o futuro antes do presente”, por mais maluca que seja essa

# E SE A GENTE PUDESSE PREVER O FUTURO?



**PATRICIA KOGUT**  
kogut@globo.com.br  
patrickogut.com  
@onlinepatrickogut

Imagine se as pessoas pudessem ensaiar seu comportamento antes de enfrentarem quaisquer situações desafiadoras. E, assim, estivessem sempre preparadas para evitar erros. É essa a premissa de “The rehearsal” (o ensaio), a série que acaba de chegar à HBO Max. São seis episódios intrigantes. Acompanhamos o ator, roteirista e diretor Nathan Fielder num estranho experi-

mento humano. Ele propõe ajudar pessoas a realizarem seus objetivos de vida driblando quaisquer eventuais surpresas ou obstáculos. Faz isso instrumentalizando seus personagens, figuras comuns, para enfrentarem as situações que os amedrontam.

## NA SÉRIE ‘THE REHEARSAL’, NATHAN FIELDER VAI FUNDO NA IDEIA DE CONTROLAR A VIDA ANTEVENDO OS ERROS